



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

MARIANA BEATRIZ DE SOUSA SILVA

A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE ENTRE *A CARTOMANTE* E *A HORA DA ESTRELA*

GUARABIRA
2022

MARIANA BEATRIZ DE SOUSA SILVA

A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE ENTRE *A CARTOMANTE* E *A HORA DA ESTRELA*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Mariana Beatriz de Sousa.

A intertextualidade presente entre a cartomante e a hora da estrela [manuscrito] / Mariana Beatriz de Sousa Silva. - 2022.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones, Departamento de Letras - CH."

1. Intertextualidade. 2. Tragédia. 3. Futuro. I. Título

21. ed. CDD B869.9

MARIANA BEATRIZ DE SOUSA SILVA

**A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE ENTRE A CARTOMANTE E A HORADA
ESTRELA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovado em: 31 / 03 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

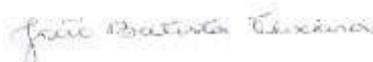


Prof.

Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Suely da Costa Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. João Batista Teixeira
Faculdade do Maciço de Baturité (FMB)

Aos meus pais, pelo apoio incondicional,
DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A <i>CARTOMANTE</i> DE MACHADO DE ASSIS.....	9
3 A <i>HORA DA ESTRELA</i> DE CLARICE LISPECTOR	10
4 INTERTEXTUALIDADE DENTRO DAS OBRAS A <i>HORA DA ESTRELA</i> E A <i>CARTOMANTE</i>	11
5 A TRAGÉDIA COMO PONTO CENTRAL NOS DESFECHOS DAS NARRATIVAS	13
6 ANÁLISE TEXTUAL: UM OLHAR INTERTEXTUAL ENTRE A <i>HORA DA ESTRELA</i> E A <i>CARTOMANTE</i>	14
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS	18

A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE ENTRE A CARTOMANTE E A HORA DA ESTRELA

THE INTERTEXTUALITY PRESENT BETWEEN THE FORTUNE TELLER AND THE HOUR OF THE STAR

Mariana Beatriz de Sousa Silva*

RESUMO

O presente artigo consiste em abordar aspectos intertextuais presentes no conto machadiano *A Cartomante* e no livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Os protagonistas que compõem os dois enredos, Camilo (*A Cartomante*) e Macabéa (*A Hora da Estrela*), decidem ir a uma cartomante com finalidade de saber o que aconteceria com os seus destinos. Logo, as cartomantes de ambas as narrativas realizaram a leitura das cartas e as previsões que constavam eram para um futuro repleto de conquistas e realizações. No entanto, as predições estavam inadequadas e, após os protagonistas saírem das consultas, foram acometidos pela tragédia que resultou em suas mortes. Para esta pesquisa, de cunho qualitativo, foram utilizados os seguintes autores: Aristóteles (1993), Assis (1995), Azeredo (2007), Barthes (2004), Candido (1973), Carlson (1997), Fiorin (2006), Gledson (2006), Koch (1995), Nolasco (2004), Lispector (1984), Schiller (1992), Wittgenstein (1979), Barbosa e Dixon (2004), dentre outros. Desse modo, a pesquisa iniciará abordando as duas obras: *A Cartomante* e *A Hora da Estrela*, em seguida, haverá a contextualização da intertextualidade, assim como também da tragédia, que é um ponto culminante no desfecho das narrativas, logo após, analisaremos as relações intertextuais entre as obras supracitadas.

Palavras-chave: Intertextualidade. Tragédia. Futuro.

ABSTRACT

The present paper consists in approaching the intertextual aspects present in the short story *The Fortune Teller* and in the book *The Hour of the Star*, by Clarice Lispector. The protagonists of both plots, Camilo (*The Fortune Teller*) and Macabéa (*The Hour of the Star*), decide to go to a fortune teller in order to know what will happen to their destinies. Soon, the fortune tellers in both narratives read the cards and the predictions were for a future full of achievements and accomplishments. However, the predictions were inadequate, and after the protagonists left the consultations, they were overwhelmed by the tragedy that resulted in their deaths. For this qualitative research, the following authors were used: Aristotle (1993), Assis (1995), Azeredo (2007), Barthes (2004), Candido (1973), Carlson (1997), Fiorin (2006), Gledson (2006), Koch (1995), Nolasco (2004), Lispector (1984), Schiller (1992), Wittgenstein (1979), Barbosa and Dixon (2004), among others. Thus, the research will begin by addressing the two works: *The fortune teller* and *The Hour of the Star*, then, there will be the contextualization of intertextuality, as well as tragedy, which is a culmination in the outcome of the narratives, then we will analyze the intertextual relations between the aforementioned works.

Keywords: Intertextuality. Tragedy. Future.

* Graduada em Letras. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: mariana.beatriz@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema A intertextualidade presente entre *A Cartomante* e *A Hora da Estrela*, e, a vista disso, o estudo em questão tem como objetivo geral destacar a intertextualidade entre o conto machadiano *A Cartomante* e o livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. O conto *A Cartomante* tem como protagonistas Rita, Camilo e Vilela, que vivem às escondidas um triângulo amoroso, por sua vez, *A Hora da Estrela* tem como protagonista Macabéa, uma mulher nordestina que vai tentar a sorte no Rio de Janeiro.

A delimitação analítica aborda a intertextualidade, que se configura como uma influência que um texto exerce sobre outro, portanto, os pontos que apresentam a intertextualidade nas duas obras são: A ida dos protagonistas Camilo e Macabéa à casa da cartomante; tanto Camilo quanto Macabéa escutaram previsões que apontavam para um futuro repleto de conquistas e muita alegria, levando os protagonistas a ficarem esperançosos por um destino de grandes realizações. Além de que, os desfechos das duas narrativas foram acometidos pela tragédia.

Além disso, outro ponto que favorece a intertextualidade entre *A Cartomante* e *A Hora da Estrela* são as previsões que as cartomantes realizaram e que estavam equivocadas. Logo, os objetivos específicos são: identificar os destinos de Macabéa e de Camilo que foram acometidos pela tragédia, ou seja, a morte; associar as mortes dos protagonistas das duas narrativas que ocorreram após eles terem saído das casas das cartomantes; relacionar o desfecho inesperado das duas obras.

A escolha das obras deu-se em virtude da intertextualidade encontrada após a realização de estudos voltados para o conto *A Cartomante*, de Machado de Assis e o livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Chama atenção o fato de os protagonistas Camilo (*A Cartomante*) e Rita (*A Hora da Estrela*) procurarem uma cartomante com a finalidade de descobrirem o que aconteceria com o futuro deles. .

Os protagonistas aceitaram as previsões sem questionar se era algo verdadeiro ou não, apenas vislumbraram-se diante das predições carregadas de momentos felizes e assim acreditaram que após a consulta a vida perpassaria por situações que ocasionariam felicidade e progresso. Contudo, os destinos de Macabéa e Camilo foram alterados pela tragédia, uma vez que a tragédia é uma obra que manifesta ações fatais que causam compaixão e piedade no leitor, sendo designada como gênero dramático específico da literatura.

Para este estudo, temos como aporte teórico os seguintes autores: Aristóteles (1993), Assis (1995), Azeredo (2007), Barthes (2004), Cândido (1973), Carlson (1997), Fiorin (2006), Gledson (2006), Koch (1995), Nolasco (2004), Lispector (1984), Schiller (1992), Wittgenstein (1979), Barbosa e Dixon (2004). Vale lembrar que, quanto ao caráter, esta pesquisa é qualitativa e bibliográfica, uma vez que para a fundamentação teórica e análise foram usados livros, sites e artigos.

O trabalho está dividido nas seguintes seções: a contextualização sobre as narrativas *A Cartomante* e *A Hora da Estrela*; em seguida, abordaremos sobre a intertextualidade entre as obras e sobre a tragédia, que foi um ponto crucial no desfecho das narrativas em evidência; além da análise textual, que reflete acerca dos pontos que se aproximam entre *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

2 A CARTOMANTE DE MACHADO DE ASSIS

A *Cartomante* é o título do conto escrito pelo autor Machado de Assis em 1884. Sendo assim, ao realizar a leitura da narrativa, é perceptível uma variedade de enigmas que deixam a leitura ainda mais envolvente, desenvolvendo no leitor um ar de mistério e curiosidade sobre o desfecho da história.

A *Cartomante* é uma história que tem como protagonistas: Rita, Camilo e Vilela, três personagens que vivem um triângulo amoroso. Rita é casada com Vilela e Camilo é o amante de Rita e também amigo do casal. Desse modo, Rita sempre frequentava uma cartomante, porém Camilo não acreditava em oráculos. Mas, ao receber um bilhete do amigo Vilela, decidiu procurar a Cartomante, então ela leu as cartas para Camilo e as previsões eram as melhores. Tragicamente, a leitura do destino realizada pela Cartomante estava equivocada.

Sobre o contexto de produção da obra, os autores brasileiros seguiam a corrente Realista. Dessa forma, convém lembrar que o Realismo teve início no ano de 1881, quando Machado de Assis lança *Memórias Póstumas de Brás Cubá*, obra inaugural do Realismo brasileiro. Dentre as características valorizadas por essa corrente literária, apresenta-se a busca da representação fidedigna à realidade. De acordo com Christmann (2013):

No conto 'A Cartomante', Machado de Assis, mostra a visão objetiva e pessimista da vida, do mundo e das pessoas (não existe final feliz). O autor faz uma análise psicológica das contradições humanas na criação de personagens imprevisíveis, jogando com insinuações em que se misturam a ingenuidade e malícia, sinceridade e hipocrisia. (CHRISTMANN, 2013, p. 1 *apud* FREY, 2017, p. 25).

O conto de Machado de Assis aponta para uma situação que acontecia na sociedade e que era escondida, porque a traição no relacionamento é considerada errada e, na maioria das vezes, torna-se imperdoável na cultura brasileira. Nessa perspectiva, o conto não deixa claro como Rita e Vilela se conheceram, pois há um destaque com mais profundidade na relação extraconjugal que Rita vivia com Camilo. Por conseguinte, essa aventura fora do casamento causou uma reviravolta na vida de Rita e de seu amante Camilo.

No conto também ocorre a desmistificação da cartomante, que é considerada como um ser que advinha o futuro das pessoas. Camilo, ao procurar a cartomante, sentiu-se confiável, tendo em vista que as profecias indicavam um destino de paz e muito amor com a sua amada Rita. Contudo, as previsões estavam inadequadas e o desfecho da história foi acometido pela tragédia.

A princípio, o conto foi lançado no jornal *Gazeta de Notícias*, em 28 de novembro de 1884. Não obstante, em Belém, foi publicado, avulso, nos dias 04 e 05 de janeiro de 1900. Portanto, está inserido no livro de contos *Várias Histórias* (1896). Vale destacar que o escritor Machado de Assis, ao falecer, em 29 de setembro de 1908, deixou uma diversidade de obras que até hoje são lidas e estudadas. Como afirma o estudioso de Machado, Gledson (2006, p. 89):

Machado de Assis escreveu cerca de duzentos contos, que abrangem praticamente toda a sua vida de escritor, desde 1858, quando contava dezenove anos, até 1907, um ano antes de sua morte. Esses contos sempre foram, em relação aos seus romances, relegados a um segundo plano. Ninguém nega a qualidade de Machado como contista, um dos melhores da história da literatura brasileira, digno de comparação, em muitos momentos, aos maiores contistas de sua época [...].

Machado de Assis começou a produzir textos literários quando tinha apenas 19 anos de idade e até um ano antes de morrer estava escrevendo. O escritor é considerado um dos melhores contistas brasileiros. *A Cartomante* é um exemplo de como Machado de Assis escrevia de maneira envolvente, objetivando deixar o leitor cada vez mais inquieto no decorrer da trama.

3 A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

A Hora da Estrela é um livro que foi publicado por Clarice Lispector no ano de 1977, sendo a última obra escrita pela autora. A linguagem utilizada é de cunho realista, levando em consideração que os protagonistas são exemplos de vários trabalhadores que vivem às margens do sistema, sendo explorados e recebendo um salário que mal dá para suprir as necessidades básicas como alimentação e uma moradia arejada e tranquila.

A autora reflete sobre as dificuldades sociais que existiam naquela época. À vista disso, é perceptível no seguinte fragmento retirado do livro que o contexto social em que a retirante nordestina vivia era precário: “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre, entre prostitutas que serviam os marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. Rua do Acre. Mas Que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 30).

A protagonista, Macabéa, nasceu no Nordeste e foi tentar a sorte no Rio de Janeiro. Trabalhava como datilógrafa e dividia um velho sobrado com várias amigas, o espaço onde Macabéa morava era pequeno, tanto é que ela dormia no sofá que estava na sala. A personagem principal conheceu Olímpico de Jesus, que foi o seu namorado até sua amiga Glória se intrometer no relacionamento e separar Olímpico de Macabéa.

Diante desse contexto, pode-se observar que o romance de Clarice Lispector foi escrito em uma época que ainda vigorava o golpe militar ocorrido em 1964. Além de que, entre 1969 e 1973, ocorreu o tão sonhado “milagre” brasileiro, período marcado pela expansão do setor econômico, deixando de lado áreas de grande importância como: saúde, educação e habitação. Desse modo, Antonio Candido reconhece na obra de Clarice Lispector “uma forma de conhecimento do mundo e das ideias” (CANDIDO, 1977, p. 126).

Assim como no conto de Machado de Assis (*A Cartomante*), *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, também tem como personagem uma cartomante, chamada madame Carlota. Para tanto, nas duas obras a figura da cartomante faz previsões de um futuro repleto de momentos felizes. Contudo, os desfechos das narrativas são inesperados, tanto para os próprios personagens que se consultaram com a cartomante, quanto para os leitores.

Convém lembrar ainda que Clarice Lispector é autora de uma diversidade de livros que compõem a literatura brasileira. Desse modo, é muito comum verificar nas obras da autora enredos que vão além da ficção, ou seja, há uma predominância de realização de críticas à sociedade da época. Nolasco (2004) observa que:

Enfim, se a produção de Clarice Lispector ocupa hoje um lugar indiscutível no cenário da literatura brasileira e mundial, entendemos que tal produção não só nos permite fazer as leituras críticas mais variadas possíveis, como também convida-nos a revisitar, criticamente a própria crítica a ela instituída. Levando – se em conta, sempre, o fato de que vida e obra se dizem e se completam, mesmo que de forma fluida e escassa, tanto quanto a própria imagem que Clarice procurou nos legar no decorrer e ao cabo de seu

projeto literário. Da vida à obra e do texto da ficção ao texto da vida, a imagem do próprio, tanto da escritora quanto do texto, é rasurada, como forma de lembrar-nos, talvez, de que a propriedade do que quer que seja em Clarice Lispector está sempre aquém da vida e além da ficção (NOLASCO, 2004, p. 200).

A Hora da Estrela é um exemplo de que a autora usou o contexto, no qual havia repressão social e expansão econômica, para direcionar uma crítica ao sistema capitalista, que tratava os trabalhadores como máquinas e, apesar do crescimento econômico, o governo não investia em políticas públicas de saúde, educação e habitação.

4 INTERTEXTUALIDADE DENTRO DAS OBRAS A HORA DA ESTRELA E A CARTOMANTE

A intertextualidade refere-se à influência que um texto exerce na composição de outro texto. Logo, o processo intertextual é comum no campo literário, isto é, há obras que utilizam de vários discursos para a construção textual, além de que também ocorre a presença de personagens semelhantes em textos literários diversos. Nesse sentido, é perceptível que *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, tem uma intertextualidade com *A Cartomante*, de Machado de Assis.

Ainda nesse contexto, a personagem cartomante tem uma relação importante para o desfecho das duas histórias, tendo em vista que o protagonista Camilo, do conto machadiano, ao procurar a cartomante, escutou previsões que abarcavam um futuro de muita felicidade, assim como também a protagonista Macabéa, do livro *A hora da estrela*, ao participar da consulta com a cartomante, as previsões apontavam para um destino repleto de conquistas. Porém, as profecias ocorridas nas duas narrativas estavam equivocadas.

Para tanto, a intertextualidade vai se compondo, de acordo com o repertório de leitura que o leitor possui. Então, na medida em que o processo de leitura é realizado, há possibilidades de ocorrerem associações com textos já estudados. Conforme Koch e Travaglia, “a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores [...]” (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 88).

Barthes reformula o conceito de intertextualidade da autora Kristeva em sua obra *Inéditos*, na qual o autor reflete sobre a concretude da língua, que é possibilitada mediante o texto escrito. Logo, após a criação de um texto, ocorre o processo de concretização da experiência linguística. Para Barthes:

O texto redistribui a língua (é o campo dessa redistribuição). Um dos caminhos dessa desconstrução-reconstrução é permutar textos, retalhos de textos que existiram ou existem em torno do texto considerado e finalmente nele: todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, com formas mais ou menos reconhecíveis. [...] A intertextualidade, condição de todo texto, seja ele qual for, não se reduz, evidentemente, a um problema de fontes ou influências; o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é detectável, de citações inconscientes ou automáticas, dadas sem aspás. (BARTHES, 2004, p. 275).

Embora suceda em vários textos a intertextualidade mediada por citações, também há uma diversidade de textos em que a intertextualidade ocorre de maneira

desconhecida, de modo que o leitor só conseguirá fazer a interligação se tiver um arcabouço literário ampliado.

A intertextualidade, segundo Laurent Jenny (1979, p. 14), “designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operando por um texto centralizador, que detém o comando do sentido”. Por isso, o processo intertextual acontece quando há uma probabilidade de relacionar um texto a outro, mesmo que de forma indireta.

Na literatura, o estudo sobre a intertextualidade não é recente, ou seja, desde os anos de 1970, existia uma preocupação referente à investigação da intertextualidade na pesquisa científica. Além disso, é importante destacar que um discurso não é construído com neutralidade, sempre haverá a influência de outros discursos. Como afirma Fiorin (2006):

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2006, p. 19).

O discurso predominante na sociedade é constituído com apoio de outros discursos que também permeiam o dia a dia de todos os indivíduos no processo de interação. Logo, é comum a apropriação de outras palavras para formular as nossas, e, mesmo que seja de maneira involuntária, sempre estamos citando discursos já existentes.

Além disso, um objeto artístico não tem mais chances de conter a unicidade, isto é, a originalidade, isso se dá em virtude de que todo objeto artístico é formulado mediante a existência de trechos de outras obras de artes. Desse modo, a intertextualidade ocorre não apenas em textos escritos, mas também em pinturas e até mesmo no ato da fala. De acordo com Alen (2000):

[...] não é mais possível falar de originalidade ou unicidade do objeto artístico, seja ele uma pintura ou romance, já que todo objeto artístico é claramente a junção de fragmentos de arte já existentes. Intertextualidade, como termo, fica no centro destas concepções contemporâneas de arte e produção cultural de maneira geral. (ALLEN, 2000, p. 5-6).

Nessa perspectiva, pode-se observar que a intertextualidade está presente na vida social, acadêmica, artística, literária de várias pessoas. Como já dizia Candido (1973, p. 68), “A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

A memória é uma grande aliada na construção e entendimento dos textos. Segundo Azeredo (2007, p. 133), “[...] nossa memória textual atua no tecido de nossos discursos, ligando os contextos históricos e impregnando de sentido os textos que produzimos”. Através de leituras já realizadas, ou seja, através de um arcabouço literário ampliado, atribui-se sentidos a novos textos, por isso é comum a memória humana promover essa associação literária à medida que o leitor se dedica cada vez mais ao processo de leitura.

5 A TRAGÉDIA COMO PONTO CENTRAL NOS DESFECHOS DAS NARRATIVAS

A tragédia é uma obra que manifesta ações fatais que causam compaixão e piedade no leitor, de modo que é compreendida como gênero dramático específico da literatura. O surgimento da tragédia aconteceu na Grécia, especialmente em Atenas, promovendo, posteriormente, uma grande influência na Roma antiga. Assim, no teatro grego, a tragédia tentava apresentar como os homens se comportavam diante dos sentimentos de ódio, vingança, traições e ciúmes.

Os personagens que participavam/participam do enredo da tragédia são encontrados em situações complicadas e, na maioria das vezes, as dificuldades presentes no cotidiano desses personagens resultam em fatalidades. Nesse sentido, é comum que os personagens terminem mortos ou destruídos no desfecho da trama. De acordo com Carlson (1997),

Na tragédia moderna, o herói que corporifica uma posição ética única é substituído por personagens 'colocados num vasto âmbito de relações e condições contingentes, dentro do qual todo tipo de ação é possível'. O conflito torna-se, portanto, interno, e o personagem, como os primeiros teóricos românticos já haviam observado, torna-se o centro da tragédia. Os heróis trágicos modernos atuam não 'no interesse da justificação ética das reivindicações realmente substantivas, mas pela simples razão de serem o tipo de homens que são' (CARLSON, 1997, p. 187)

A tragédia, no contexto mais atual, tem a substituição do herói por personagens. À vista disso, os personagens exercem a centralidade no desenvolvimento das ações, atuando no retrato das questões existenciais, mostrando o tipo de homem que são diante da sociedade. Além disso, vale destacar que, conforme Carlson (1997), o conflito é associado ao mundo interno dos personagens. Desse modo, os personagens passam por situações complicadas que resultam em sentimentos de tristeza, raiva, medo, dentre outras emoções, no desenrolar do enredo.

Para Schiller (1992, p. 104), "a tragédia será uma imitação poética de uma seqüência concatenada de acontecimentos (de uma ação completa), mostrando-nos seres humanos em estado de sofrimento [...]." Dessa maneira, a tragédia reflete a imitação da realidade dos seres humanos, sendo o sofrimento um sentimento que permeia com intensidade a forma de viver dos sujeitos frente a situações desagradáveis.

Convém lembrar, ainda, que o primeiro filósofo a definir o termo "tragédia" foi Aristóteles. Para o filósofo, a tragédia é a imitação de determinadas ações completas ou incompletas, da maneira que as ações da narrativa têm como colaboradores os atores que provocam não só a compaixão, como também a piedade. De acordo com Aristóteles:

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas, segundo as suas partes; ação apresentada com a ajuda de uma narrativa, mas por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 2003, p. 35).

Por conseguinte, a tragédia seria um gênero artístico que provoca os sentimentos de terror e piedade referentes à vida do homem infeliz e de suas ações desastradas. No ato da leitura, os sentimentos dos leitores também são acionados, tendo em vista que a narrativa trágica provoca no leitor o aprendizado mediante a dor, o medo, a compaixão, além da aprendizagem observando o modo de viver do outro.

No conto *A Cartomante*, o personagem Camilo, ao terminar a consulta com a cartomante, estava cheio de esperanças para continuar o seu romance com Rita, que era casada com seu amigo Vilela. Contudo, o destino transformou-se em uma tragédia, uma vez que tanto Camilo quanto Rita foram assinados por Vilela.

No livro *A Hora da Estrela*, a nordestina Macabéa vivia no Rio de Janeiro, uma cidade que foi feita toda contra ela. Ao ser incentivada por sua amiga Glória, Macabéa procurou uma cartomante e, ao sair de lá com o coração cheio de esperança, seu destino trágico se concretiza, sendo atropelada por uma Mercedes Benz.

Sendo assim, tanto o desfecho do conto *A Cartomante* quanto o desfecho da narrativa *A Hora da Estrela* são marcados pela morte dos protagonistas, em virtude disso, a tragédia que ocorreu nas obras possibilita ao leitor a sensação de compaixão e medo. Vale mencionar que os textos estudados fazem referência à tragédia, já que os personagens têm um destino exaltado pela morte.

Depreende-se que a tragédia na literatura faz alusão a situações recorrentes na realidade social. Posto isso, pode-se afirmar, segundo Aristóteles (1993, p. 39), que “[...] a tragédia não é só imitação de uma ação completa, mas também de casos que suscitam o terror e a piedade, e essas emoções se manifestam principalmente quando nos deparamos com ações paradoxais e perante casos semelhantes”.

Nesse aspecto, tanto a tragédia clássica como a moderna (romances, filmes dentre outros) pertencem a gêneros literários que contêm a presença de personagens que enaltecem a narrativa por representarem: dor, medo, sofrimento e outros sentimentos que promovem a reflexão sobre a existência humana.

6 ANÁLISE TEXTUAL: UM OLHAR INTERTEXTUAL ENTRE A HORA DA ESTRELA E A CARTOMANTE

Na análise textual, a intertextualidade é perceptível entre o conto *A Cartomante* e o livro *A Hora da Estrela*. Sendo assim, a intertextualidade é considerada uma relação implícita ou explícita entre dois textos ou mais. Portanto, *A Hora da Estrela* tem pontos no enredo que favorecem a intertextualidade com *A Cartomante*.

A cartomante Machadiana não apresentava nome, porém, no decorrer do enredo, o narrador apresenta algumas características dessa personagem: “Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos” (ASSIS, 1995, p. 6). Em contrapartida, a cartomante de Lispector é chamada de Madama Carlota, à vista disso, o narrador descreve a mulher como uma ex-prostituta: “É que também você nem se enfeita. Quem não se enfeita, por si mesma se enjeita. Ai que saudades da zona! Eu peguei o melhor tempo do Manguê [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 77).

A figura da cartomante representa pontos cruciais dentro das duas narrativas, tendo em vista que os protagonistas Camilo (*A cartomante*) e Macabéa (*A Hora da Estrela*) decidem ir a sua procura com a finalidade de saber o que aconteceria com os seus destinos. Macabéa, uma retirante nordestina, vivia de maneira desajustada

no Rio de Janeiro, uma cidade feita contra ela. Para tanto, Macabéa foi influenciada a ir à cartomante pela sua amiga Glória, a qual roubou o seu namorado Olímpico. Por outro lado, Camilo vivia uma vida de incertezas com sua amante Rita, esposa do seu amigo Vilela e, após receber um bilhete de Vilela, ficou apreensivo e decidiu realizar uma consulta com a cartomante.

Desse modo, no seguinte fragmento, observa-se o quanto Camilo ficou feliz em saber que a sua intuição negativa não passava de algo sem fundamento em seus pensamentos:

As cartas dizem-me... Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta (ASSIS, 1995, p. 6).

A cartomante realizou a leitura do destino de Camilo afirmando que ele iria ter uma vida próspera ao lado da sua amante Rita e que Vilela, o marido de Rita, não sabia do caso extraconjugal que a sua esposa vivia com o seu amigo Camilo. Portanto, a leitura dessas cartas enalteceu a esperança de Camilo de que nada de ruim poderia acontecer.

Por sua vez, Macabéa, que vivia sem expectativas de alcançar coisas boas para sua vida, ao consultar a cartomante, sentiu-se inspirada e feliz, porque as predições realizadas pela Madama Carlota anunciavam um futuro muito próspero e repleto de conquistas. Desse modo,

Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?
 – Não senhora — disse Macabéa já desanimando.
 – Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verde ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! (LISPECTOR, 1984, p. 79).

A cartomante proferiu revelações das quais, de início, Macabéa duvidou, no entanto, mesmo assim, a cartomante continuou com as profecias com a intenção de que Macabéa acreditasse em suas previsões. Logo, todas as previsões eram boas, isto é, o banimento da pobreza, além de um encontro com um homem com quem iria se casar. Sendo assim, para a cartomante, o destino da protagonista estava traçado com bastante dinheiro e com um novo namorado bonito e rico.

Camilo e Macabéa, após a consulta, estavam irradiantes, esperançosos e muito felizes, pois a vida que não lhes satisfazia iria melhorar. Embora seja difícil adivinhar o futuro, os protagonistas das duas obras não cogitaram sobre a veracidade do que tinham ouvido, apenas curtiram as boas previsões que tinham recebido das cartomantes.

No seguinte trecho do conto é notória a tranquilidade de Camilo após as revelações trazidas pela cartomante. Desse modo, todas as preocupações foram se

dissipando. “Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus [...] recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares” (ASSIS, 1995, p. 6).

Assim como Camilo, Macabéa também ficou muito feliz, irradiando esperança após a consulta com a cartomante: “Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo [...] Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro” (LISPECTOR, 1984, p. 81).

Nas duas narrativas, o destino associado à tragédia é um ponto de intertextualidade entre as duas obras. Embora as previsões que Macabéa e Camilo receberam apontassem para um destino de alegrias e conquistas, os desfechos de ambas as narrativas foram ao encontro da tragédia, de modo que tanto Camilo quanto Macabéa foram acometidos pela morte após a finalização das consultas com as cartomantes.

Nessa perspectiva, Camilo, ao sair da casa da cartomante, foi ao encontro de Vilela, uma vez que todo sentimento de angústia e medo passaram após as profecias confortadoras que a cartomante realizou. No entanto, a vida de Camilo teve um fim marcado pela tragédia. Desse modo, o seguinte fragmento do conto aponta o desfecho da vida de Camilo e de sua amante Rita:

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão. (ASSIS, 1995, p. 7).

No livro *A Hora da Estrela*, a protagonista, ao sair da casa de Madama Carlota (a cartomante), depara-se com a tragédia, uma vez que ela foi atropelada por uma Mercedes Benz, e depois de alguns minutos veio a óbito. Desse modo, no seguinte trecho extraído do livro destaca-se o momento em que Macabéa foi atropelada:

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. (LISPECTOR, 1984, p. 81).

À vista disso, a morte era a única situação que não perpassava a mente de Camilo e Macabéa após a consulta com as cartomantes, porém todas as previsões realizadas tanto no conto *A Cartomante*, quanto no livro *A Hora da Estrela* estavam inadequadas, tendo em vista que o desfecho de ambas as obras foi pautado pela tragédia, isto é, à morte. Para apoiar o ponto de vista da intertextualidade que ocorre entre os dois textos supracitados, reiteramos o posicionamento de Barbosa e Dixon (2004), que comentam acerca dos vínculos que existem entre os dois textos da seguinte forma:

Outro exemplo da aproximação entre os textos de Machado e Lispector encontra-se em uma narrativa de encaixe de *A hora da estrela* (a visita que Macabéa faz a Madama Carlota). Vê-se ali o mesmo final irônico do conto *A cartomante* de Machado de Assis. Nas duas histórias as cartomantes ganham a confiança dos clientes e predizem um final feliz para a história amorosa deles. O desfecho da história de Machado descreve a Camilo chegando à casa de Rita para encontrá-la morta e, em seguida, ser assassinado pelo marido dela. Madame Carlota prevê um casamento feliz

para Macabéa com Hans, um estrangeiro alto e louro que ela conhecerá no futuro próximo. Logo depois que Macabéa sai da casa da cartomante, ao atravessar uma rua, é morta por um homem que foge do local dirigindo um Mercedes Benz. As semelhanças entre o final do conto de Machado de Assis e do romance de Lispector são óbvias. (BARBOSA; DIXON, 2004, p. 58).

O final das duas obras apresenta semelhanças, visto que, conforme Dixon e Barbosa, ocorre um fim irônico, isso se dá em virtude das revelações prósperas que as cartomantes das duas obras proferem. Portanto, apesar das profecias terem sido as melhores para os protagonistas, o destino não foi bem como Macabéa e Camilo esperavam. Sendo assim, logo após a consulta, houve a tragédia que ocasionou a morte dos/as clientes das cartomantes, dessa maneira, nota-se o quanto a ironia preponderou no final do conto *A cartomante* e no final do livro *A Hora da Estrela*.

Para tanto, é evidente que não só Camilo, como também Macabéa não utilizaram a razão para refletir sobre o futuro. Apenas escutaram todas as profecias de forma esperançosa, porque as cartomantes proferiram palavras que os protagonistas de ambas as obras almejavam ouvir.

Em um de seus aforismos, o filósofo Ludwig Wittgenstein (2000, p. 92) nos diz, de maneira semelhante, o seguinte: “se queremos lutar, lutemos! Se queremos ter esperança, tenhamos esperança! Podemos lutar, ter esperanças e até mesmo acreditar, mas sem acreditar cientificamente”. Sendo assim, a crença não científica está presente nas duas obras em virtude de que os personagens estavam ansiosos para alcançar uma vida de felicidade, contudo, a razão não deveria ser deixada de lado para que houvesse reflexões acerca daquelas revelações, já que é possível falar sobre o passado, conversar sobre o presente, mas é quase impossível adivinhar o futuro.

Nesse ínterim, as narrativas refletem sobre situações cotidianas, isto é, traição, desigualdade social e triângulo amoroso. Dessa forma, percebe-se que a vida real é composta por situações complicadas, quanto mais pretende-se ter uma vida livre de empecilhos, mais desafios são encontrados, porque viver pode trazer momentos de alegria, bem como momentos onde é possível ocorrer a tragédia, assim como foi visto nos desfechos dos romances *A Cartomante* e *A Hora da Estrela*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, evidencia-se a intertextualidade entre *A cartomante*, de Machado de Assis, e *A Hora da Estrela*, de Clarisse Lispector, uma vez que as duas narrativas apresentam a figura da cartomante, além dos protagonistas decidirem procurar uma cartomante em busca de escutar previsões acerca dos seus futuros.

Através deste estudo, pode-se observar que Macabéa, protagonista do romance *A Hora da Estrela*, e Camilo, protagonista do conto *A cartomante*, são personagens que procuraram aliviar os seus medos, angústias e tristezas através de previsões de uma cartomante. Mas a figura da cartomante nos dois enredos reflete uma ironia, tendo em vista que as profecias que foram apresentadas por elas estavam equivocadas, de modo que, ao término das consultas, Macabéa e Camilo estavam irradiados de confiança, entretanto, o desfecho foi afetado pela tragédia.

Convém lembrar ainda que a tragédia seria um gênero artístico que provoca os sentimentos de terror e piedade. Sendo assim, após a consulta, Macabéa foi atropelada por uma Mercedes Benz e Camilo foi morto pelo seu amigo Vilela, esposo de sua amante Rita, que também já tinha sido assassinada antes de Camilo. Portanto, o destino que deveria ter sido uma maravilha, de acordo com as cartas lidas pelas cartomantes, foi uma tragédia, resultando na morte dos protagonistas.

Os personagens Macabéa e Camilo são exemplos para os leitores literários de que o futuro é algo irreconhecível, mutável e que a vida pode ceder lugar à morte dentro de um curto tempo. Por isso, através da leitura das duas obras e a associação entre os dois textos, podemos perceber que há chances de falar sobre o passado, discutir o presente, contudo o futuro é inalcançável, tudo pode acontecer, isto é, desde momentos felizes até mesmo a morte.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ASSIS, Machado. **A Cartomante**. Núcleo de Educação à distância. 1995. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000181.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BARBOSA, Maria J. Somerlate; DIXON, Paul B. Olhos de ressaca: as alusões literárias de Clarice Lispector a Machado de Assis. **Portuguese Studies**, v. 8, p. 47-64, Santa Barbara, 2004.

BARTHES, Roland. **Inéditos**. São Paulo: Martins, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CANDIDO, Antonio. "No raiar de Clarice Lispector". In: **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. 126p.

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREY, Jesica; FEBER, Thaynara. A cartomante. **Revista Unioeste**, v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://e->

revista.unioeste.br/index.php/ensaio/article/download/18495/12178/67796>. Acesso em: 08 dez. 2021.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JENNY, Laurent. **A estratégia da forma-Poétique**: Intertextualidades. Coimbra, Almedina (27): s/d., p. 44-45.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NOLASCO, Edgar Cézár. **Restos de Ficção**: a criação-biográfico literária de Clarice Lispector. São Paulo: Annablume, 2004.

SEERING, Elisa; ZINANI, Cecil. **A intertextualidade e sua importância na atribuição de sentido à adaptação**: Frankenstein e a série Penny Dreadful. Disponível em:

<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/6425/pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SCHILLER, Friedrich. **Teoria da tragédia**. Trad. Flávio Meurer. São Paulo: E.P.U., 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores, XLVI).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, em seguida aos meus pais, amigos e familiares por todo apoio durante essa jornada de estudos e especial na construção deste trabalho.

Além do mais, agradeço ao meu orientador, Prof. Eduardo Henrique Cirilo Valones, por todo suporte e auxílio durante o meu curso.